

REVISTA ADVENTISTA

1964 — Ano da REVISTA ADVENTISTA

A Ciência como a Técnica continuam a desenvolver-se de maneira espantosa, como todos sabemos. De resto, tal desenvolvimento não constitui para nós crentes nenhuma novidade. Pela Palavra inspirada bem sabemos que «a ciência se multiplicará». Temos, pois, diante de nós um dos grandes sinais proféticos de que se aproxima o fim: — «Vem o fim, o fim vem sobre os quatro cantos da terra».

Ora, nestes nossos tempos do fim, tempos que decorrem sob o signo da Ciência, importa que o possamos acompanhar para não sermos ultrapassados e não podermos realizar a missão de que o Senhor nos incumbiu: levar a Mensagem a todo o mundo, na presente geração.

Temos, portanto, de estar devidamente apetrechados, «sempre preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós».

Um dos grandes meios de ataque e defesa no mundo das ideias é, decerto a imprensa, tanto mais que o livro, a revista, o opúsculo não é a palavra que se ouve e logo se desvanece, mas continua

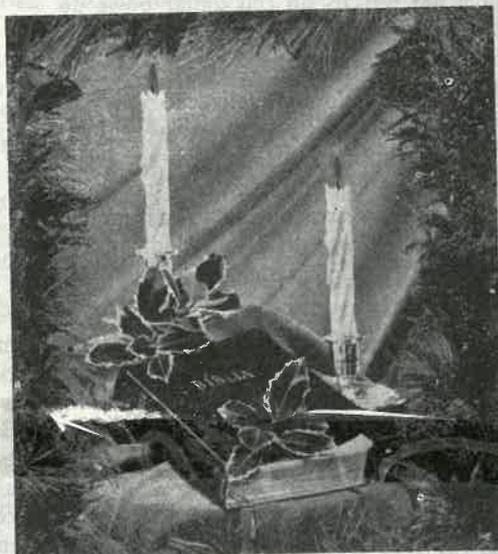
sempre à nossa disposição pronta a reviver, todas as vezes que a quisermos ler.

Bem sabemos o cuidado que sempre inspirou à nossa Irmã White a denominada Página Impressa. As Casas Publicadoras espalham-se pelos quatro cantos do Mundo pois «a nossa literatura há-de mostrar que está às portas o fim de todas as coisas». «A verdade deve ser dita sem rebuços, em folhas soltas e folhetos, e esses, espalhados como folhas do Outono.» (O Colportor Evangelista, p.102. Testemunhos) vol.9, pág. 231.

O Espírito de Profecia dava tão grande importância às Casas Editoras que afirma «que será por seu intermédio que se há-de efectuar a obra daquele outro anjo que desce do céu com grande poder e ilumina a terra com a sua glória». — (Testemunhos, vol. 7, pág. 140).

Pois uma das principais manifestações das actividades de uma Casa Publicadora está na publicação de uma sua Revista na qual se expõe não só o movimento de ordem geral como o especial atinente à marcha dos acontecimentos que dizem respeito à obra que lhe interessa.

(Continua na pág. 24)



O Conselho da União proclama o novo ano de 1964 o ANO DA REVISTA ADVENTISTA, adoptando o lema «Cada membro da igreja um leitor da Revista Adventista» e o objectivo de se alcançar e ultrapassar o número de 2 000 assinantes.

SUMÁRIO

1964 — Ano da «Revista Adventista»

Editorial

Fala o Presidente da Divisão

Os nomes dados a Jesus Cristo na Sagrada Escritura

O Testemunho da Palestina

Abençoado Ano Novo

Uma oração ouvida

O 1.º acampamento dos M.V. de Lourenço Marques

Trinta anos ao serviço de Deus em Moçambique

O Auxiliar da Escola Sabatina

ANO XXV N.º 208

JANEIRO 1964

DIRECTOR E EDITOR:
A. J. S. CASACA

ADMINISTRADOR:
D. S. R. VASCO

CORPO DE REDACÇÃO:
A. CASACA, E. FERREIRA,
F. MENDES, M. MIGUEL,
O. COSTA E P. RIBEIRO

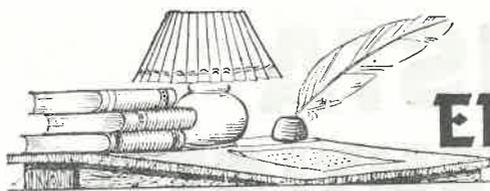
PROPRIETÁRIA: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Redacção e Administração:
R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 - LISBOA

Composição e Impressão:
SOCIEDADE TIPOGRÁFICA, LIMITADA
Rua de D. Estefânia, 195-A — LISBOA

Número avulso 3\$00
Assinatura anual 30\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Página EDITORIAL

Prezados Irmãos:

No dealbar deste novo Ano que as nossas primeiras palavras sejam para o nosso bom Pai Celestial de quem recebemos a infinita dádiva do seu Divino Filho, nosso bendito Salvador e com Ele todos os bens espirituais e materiais que se dignou conceder-nos.

E agora umas palavras de saudação muito cordiais para todos os nossos dilectos Irmãos e Irmãs, Obreiros e não-Obreiros com os desejos de que o Senhor nos conceda, ainda neste ano acabado de entrar, a sua divina e paternal protecção, livrando-nos de tantos e tantos perigos conhecidos e desconhecidos, para que nos possamos manter firmes, quando o Senhor Jesus vier nas nuvens do céu tomar posse do seu Reino eterno.

Esforço de Evangelização

Damos muitas graças a Deus pelas boas notícias que nos têm chegado das nossas várias igrejas dando conta do bom andamento do Esforço de Evangelização.

Temos de levar o conhecimento da Mensagem a todo o Mundo, a toda esta presente geração, pois bem sabemos que só então será o fim, ou melhor o início da vida eterna, na companhia do nosso bendito Salvador.

A vida espiritual

A nossa vida espiritual tem de continuar impreterivelmente, a ser alimentada para que prossiga uma vida desafogada e vitoriosa. Ora o alimento da alma é a Palavra de Deus, que lhe tem de ser ministrada através da oração, da leitura, dos cultos, tudo isto preparando a boa conduta própria de um verdadeiro crente.

Esforcemo-nos, portanto, desde já por estudar diariamente a Lição da Escola Sabatina, assim como de

seguirmos a leitura do Ano Bíblico com a Devoção Matinal.

Para bons comentários das lições da Escola Sabatina temos à nossa disposição a REVISTA ADVENTISTA que todos os meses publica tais comentários.

Em cada lar adventista devia entrar a nossa REVISTA ADVENTISTA, o nosso jornal que nos põe em contacto com os nossos Irmãos de todo o Mundo, ao mesmo tempo que nos proporciona a leitura de artigos escritos especialmente pelos nossos Irmãos de grande experiência religiosa e denominacional, que traduzem a nossa doutrina sempre adentro da Palavra de Deus, devidamente explicada pelo Espírito de Profecia.

Também temos à venda na Publicadora Atlântico os opúsculos da Devoção Matinal, igualmente indispensáveis para a nossa vida espiritual.

Procuremos também tornar conhecida a nossa Revista sanitária SAÚDE E LAR, recomendando-a aos nossos amigos e conhecidos.

Por vezes, temos dificuldade em oferecer qualquer prenda aos nossos amigos. Pois com toda a facilidade podemos oferecer uma assinatura da SAÚDE E LAR, ou da REVISTA ADVENTISTA, tratando-se de Irmãos, ou ainda qualquer das admiráveis obras da Irmã White, podendo estas ser ofertadas tanto a irmãos como a simples amigos, pois a Mensageira do Senhor sabe falar a todas as almas de todas as condições.

Aproveitemos, portanto, o início do novo ano para nos dedicarmos à prática das boas leituras, pois não nos faltam nas nossas esplêndidas publicações.

Uma visita inesquecível

De passagem a caminho de Washington tivemos entre nós, du-

(Continua na pág. 24)

Fala o Presidente da Divisão

**«Tu me cercaste em volta,
e puseste sobre mim a tua mão» (Salmo 139:5)**

NESTE período que marca o fim de um ano e o início de outro, evocamos com o coração reconhecido o magnífico texto de Salmos que serve de título a este artigo. Não verificamos, de facto, que durante os meses transactos, um Deus infinitamente bom mais uma vez transformou em bênçãos uma grande parte dos fardos que atravancavam os nossos caminhos, permitindo-nos, assim, aproximar-nos, ainda mais, do objectivo supremo? Não há que duvidar, de resto, de que este versículo cheio de promessas não seja a nossa consolação, o nosso apoio, o nosso encorajamento no decorrer do ano que principia e de que nos há-de ajudar a progredir no caminho da Eternidade.

Tomemos, de novo, a onnipotente mão de Deus e deixemo-nos guiar por ela. Deste modo poderemos avançar com passo firme e teremos, sem dúvida, a garantia da protecção do Senhor e o auxílio da sua graça.

A nossa época oferece-nos um rosto de gelo e de pedra; um rosto onde se lêem a vontade do poder e a da destruição. O egoísmo, o espírito de violência e o ódio submetem cada vez mais à sua influência os povos deste mundo. Hoje, mais do que nunca, as forças demoníacas estão ao trabalho. Num futuro agora muito próximo, as extraordinárias realizações técnicas e científicas que homens pecadores e separados de Deus estão aptos a sublinhar, provocarão um frenesim de brutalidade e de destruição que se há-de apossar da humanidade, e que sufocará os apelos para a paz lançados tão justificadamente por muitas vozes sinceras.

A alma dos nossos contemporâneos está subjugada pela angústia da destruição total. As fantásticas descobertas que a ciência fez neste século de conquista do espaço; as suas tentativas para atingir a Lua e outros astros; o despertar de numerosos povos que dormiam num sono multi-secular; a esterilidade dos valores morais; o renascimento da poderosa Igreja, cuja ferida mortal se cura rapidamente são tantos outros sinais que nos fazem entender: anunciam-nos a iminência do fim do mundo pecador e a Volta de Jesus nas nuvens dos céus.

Contudo, mesmo que o mundo desmaie de terror à aproximação dos terríveis acontecimentos que vão desabar sobre ele; mesmo que perigos — inclusive perseguições nos ameacem, nós, Cristãos, sabemos de maneira certa que nada temos a temer, enquanto permanecermos fiéis. O nosso Deus «cerca-nos em volta» e estende sobre nós a sua mão protectora.

É por isso, que neste fim de ano nos queremos recomendar de novo à protecção divina com o santo nome de Deus. Queremos continuar a acreditar n'Aquele cuja vida inteira, aqui nesta terra foi amor e renúncia. Numa época, em que o inimigo das almas, sabendo que não lhe resta senão pouco tempo, e por isso se esforça com ardor redobrado para quebrar a unidade da derradeira Igreja, o nosso mais sagrado dever, enquanto membros desta Igreja, é justamente o de permanecermos mais que nunca unidos uns aos outros e não formarmos senão um só corpo espiritual.

Realizemos conjuntamente, com um zelo sem precedente, a tarefa que nos diz respeito: fazer ressoar em toda a parte a última mensagem de advertência. O povo de Deus do tempo do fim é um povo de coração nobre; está pronto a defrontar os mais duros sacrifícios para apoiar a causa divina. Que privilégio o podermos fazer parte deste povo!

Prezados irmãos e irmãs, prezados obreiros do nosso movimento, vós que, no passado, contribuísteis para apressar a instauração do Reino de Deus, aqui na terra, vos agradecemos de todo o nosso coração pela vossa fiel ajuda. Mas também agora vos convidamos a prosseguirdes conosco, em 1964, a obra da salvação das almas, pondo nisso ainda mais amor do que aquele com que tendes trabalhado até aqui.

Não tememos as catástrofes que se sucedem no mundo: sabemos que devem produzir-se é que são os sinais precursores da vinda do Mestre. Embora a terra tremam e a humanidade desfaleça: nós não seremos abalados, porque sabemos que Jesus

Os nomes dados a Jesus Cristo na Sagrada Escritura

“O Senhor do Universo não está só no cumprimento da sua grande obra. É secundado por um Ser capaz de apreciar os seus desígnios e de partilhar a alegria que Ele encontra na felicidade das suas criaturas.» — *Pat. e Prof.* p. 11 e 12.

Esta declaração da Irmã White funda-se em numerosos passos bíblicos, tanto do Antigo Testamento como no Novo, como vamos examinar.

«No princípio criou Deus os céus e a terra». O texto hebraico diz: «Elohim criou». Elohim é o plural de Eloah, ao passo que o verbo está no singular, para mostrar a Unidade na Trindade. Alguns teólogos pretendem que se trata de um plural majestático; comparando, porém, este texto com outros, chega-se facilmente à conclusão de que é também um plural pessoal, isto é indicando várias pessoas. Depois do pecado, o Eterno disse: «Eis que o homem se tornou como um de nós, para o conhecimento do bem e do mal.» Depois do dilúvio, os homens que tinham emigrado para o Oriente construíram uma torre na planície de Sinear para escaparem a um novo dilúvio; disse, então, o Eterno: «Vamos! Desçamos ali e confundamos a sua linguagem (1)».

Este Deus invisível, imortal, a quem pertencem a honra e a glória, foi-nos revelado pelo único Filho que está no seio do Pai. Este Filho é chamado pelo profeta Isaías «Admirável, Conselheiro, Deus poderoso, Pai eterno, Príncipe da paz (2)».

Jesus era um com o Pai, pela sua essência, pelo seu carácter pelos seus desígnios.

Diz-nos o apóstolo Paulo que estando o Cristo nos céus «estava

em forma de Deus e igual a Deus». Jesus disse um dia a Filipe, que desejava ver o Pai: «Não crês tu que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim?... Aquele que me viu, viu o Pai» (3).

As numerosas citações dos Salmos na Epístola aos Hebreus provam-nos largamente a divindade de Jesus. «O teu trono, ó Deus, é eterno... Por isso Deus, o teu Deus te ungiu com o óleo de alegria... Tu fundaste a terra desde os tempos antigos, e os céus são a obra da Tuas mãos» (4).

O Novo Testamento confirma o carácter divino e criador de Jesus: «Ele criou o mundo (Heb. 1:1). «Tudo foi criado por Ele e para «Ele criou o mundo» (Heb. 1:1). sas foram feitas por Ele (pelo Verbo)» e o «Verbo fez-se carne» (João 1:3,4). «Ele está acima de todas as coisas, Deus bendito eternamente».

No Antigo Testamento, Cristo apresenta-se a Josué como chefe do exército Eterno. É também este chefe que vem em socorro do povo de Deus para quebrar a resistência do rei dos Persas que se opunha à libertação dos Judeus depois de setenta anos de cativeiro. Enquanto o profeta Daniel estava em oração, um anjo veio anunciar-lhe o auxílio de Micael. No capítulo doze do seu livro, este profeta consignou uma promessa segundo a qual este mesmo «Grande Chefe», defensor dos filhos do seu povo, virá libertar aqueles que viverão naquele tempo

de angústia. Virá, diz-nos o apóstolo Paulo «com os anjos do seu poder». (Micael quer dizer: quem é semelhante a Deus).

*O Anjo do Eterno
o anjo da sua face*

É sob este nome que se apresenta a Gedeão, que exclama depois de o ter visto: «Infeliz de mim, Senhor Eterno! porque vi o anjo do Eterno face a face».

No capítulo treze do mesmo livro de Juizes, encontra-se a narração do nascimento de Sansão. Os seus pais receberam instruções referentes ao filho que lhes ia nascer. A personagem que lhes falava era o anjo do Eterno. Quando lhe perguntaram o nome, respondeu: «É maravilhoso» (5).

O anjo do Eterno apareceu a Moisés no meio de uma sarça ardente (Ex. 3:2) e diz-lhe: «Não te chegues para cá: tira os teus sapatos de teus pés, porque o lugar em tu estás é terra santa» (v. 5). E acrescentou: «Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isac e o Deus de Jacob. Moisés escondeu o rosto porque temia olhar para Deus».

Quando Moisés perguntou como se chamava o Deus que o enviava, o Eterno disse-lhe: «Eis que eu envio um anjo diante de ti para te proteger no caminho... Não lhe resistas... porque o meu nome está nele».

Falando da experiência de Israel no deserto, o profeta Isaías diz: «Em todas as angústias nunca estiveram sem socorro, e o anjo que está perante a sua face, salvou-os...» «Chama-se o Eterno dos exércitos, o Santo de Israel.» É chamado pelo apóstolo Paulo «rocha espiritual» (7).

(Continua na pág. 11)

A. GUYOT

A igreja de Lisboa teve o privilégio de receber a visita do Presidente da Conferência Geral, Pastor Figuhr que, depois de haver percorrido a maior parte das nossas igrejas, por todo o mundo, regressa, agora a Washington.

Procedente da Suíça, onde assistiu ao Conselho de Inverno da Divisão Sul-Europeia, o Pastor Figuhr veio acompanhado do Pastor Fridlin, Presidente da Divisão Sul-Europeia.

Chegaram no dia 18 de Dezembro e permaneceram entre nós, até ao dia 22.

Logo na noite da chegada, a igreja de Alvalade recebeu a visita daqueles dois Irmãos, tendo usado da palavra o Pastor Figuhr, durante a reunião do culto.

Apesar do mau tempo que durante o dia, como nos precedentes, fustigara a cidade, a verdade é que os nossos prezados irmãos e irmãs não deixaram de acorrer à igreja de Alvalade para ouvirem o Presidente da Conferência Geral.

O dia seguinte foi dedicado, na sua maior parte, ao trabalho com o Director da União Portuguesa, Pastor Casaca, que ainda teve, também tempo, para proporcionar aos nossos ilustres e prezados visitantes um passeio pelos arredores da Capital.

No dia 21, Sábado do Senhor, todos os nossos irmãos e irmãs dos arredores e das igrejas de Alvalade e da Avenida General Roçadas, se reuniram na igreja-mãe para ouvir a mensagem da Presidente da Conferência Geral.

A vasta igreja estava totalmente repleta, tal como nos grandes dias das Assembleias. Depois da Escola Sabatina, cujas classes foram passadas por monitores das Escolas Sábatinas que nos visitaram, teve lugar o culto solene.

Na tribuna, nos últimos planos, os membros do Coro; em frente e dos lados sentavam-se os Pastores das várias igrejas; na primeira fila, ocupou a presidência o Director da União, Pastor Casaca, que dava a direita ao Pastor Figuhr e a esquerda ao Pastor Fridlin.

VISITAS ILUSTRES



O Presidente da Conferência Geral, Pastor Figuhr no culto de Sábado, em Lisboa

O Coro, sob a hábil regência da nossa prezada Irmã, Dr.^a Eunice Raposo executou um moteto de grande unção religiosa.

Seguidamente, o Director da União apresentou, cheio de bem justificada satisfação, o Presidente da Conferência Geral a quem saudou, calorosamente, dizendo da grande satisfação que a Igreja Adventista Portuguesa sentia pelo grande privilégio de receber a visita do Presidente da Conferência Geral.

Deu, em seguida, a palavra ao Pastor Figuhr, que se adiantou para a tribuna, acompanhado do Pastor David Vasco para o traduzir.

Durante cerca de uma hora — que pareceu bem pequena — o Presidente da Conferência Geral falou do grande privilégio de sermos Adventistas, da grande bênção que isso representa, pois equivale a pertencermos à família de Deus, pois somos o povo de Deus. «Presentemente — disse — falamos diversas línguas. Mas lá virá o tempo em que todos falaremos a mesma língua, que é a do amor de Deus.» Mostrou depois, como o Adventismo não é nenhuma religião nova, porquanto, se Adão, por exemplo, ressuscitasse agora, guardaria, como nós o santo Dia do Senhor,

da mesma maneira que os Apóstolos fariam o mesmo e aguardariam, como nós a Segunda Vinda de Jesus.

Terminou tão bela hora com as saudações da parte da igreja que foram apresentadas pelo Pastor Martinez que formulou os votos de boa viagem e das melhores bênçãos de Deus para o trabalho dos Pastores Figuhr e Fridlin. O Coro fez-se ainda ouvir executando o Largo de Haendel, sendo solista o Irmão Dario Furtado; ao órgão, acompanhando com a segurança de sempre, a jovem Fernanda Graça; direcção expressiva da Dr.^a Eunice Raposo.

À tarde, realizou-se uma Reunião de Jovens, na qual usou da palavra o Pastor Fridlin, que com o seu verbo fluente, vigoroso e eloquente galvanizou a assistência despertando em todos o interesse pelo trabalho a favor da Obra do Mestre.

Os nossos prezados Irmãos, Pastores Figuhr e Fridlin regressaram aos seus respectivos campos de trabalho, no dia seguinte.

A ambos apresentamos as nossas fraternais saudações com os votos de que vejam transformados os seus trabalhos apostólicos em muitas e muitas almas salvas para o reino eterno.

Abençoado Ano Novo

A. CASACA

MAIS um ano nos concedeu o Senhor na sua infinita misericórdia. Sem nenhum merecimento da nossa parte — muito pelo contrário, pois só temos deméritos à nossa conta — tivemos a graça de viver mais um ano.

Um ano que já mergulhou no passado e que já foi riscado, definitivamente, das páginas do livro da nossa vida.

Mas é necessário que aprendamos as lições que o tempo nos vai dando, tal como a criança que nos seus anos de aprendizado na escola, tem de ir progredindo nos seus estudos.

«Ensina-nos a contar os nossos dias, de tal maneira que alcancemos corações sábios». (Salmo 90:12).

Esta súplica do Salmista é sobremaneira significativa. Pedindo a Deus que o ensine a contar os seus dias, não se trata, evidentemente, de contar os anos que já haviam transcorrido; por demais os sabia ele. Interessava-lhe, sim, conhecer os dias que ainda teria diante de si, para melhor se preparar para o encontro com o seu Senhor.

Interessa-nos, portanto — tal como ao Salmista — podermos contar, também, os dias que ainda teremos diante de nós, de modo que alcancemos corações sábios. Abre-se, agora, diante de nós, mais um ano — o Ano Novo — com os seus trezentos e sessenta e seis dias de ano bissexto. São tantas outras páginas que teremos de esfolhar, que teremos de escrever, se o Senhor permitir que cheguemos ao seu termo.

Que iremos nós escrever nessas páginas da nossa vida, que se ostentam, diante de nós, brancas e misteriosas?

É uma espécie de diário que temos perante nós. Temos de o escrever, bem ou mal, enquanto Deus nos conservar a vida.

Para escrevermos necessitamos, antes de mais do material ade-

quado. Netsa escrita, em que não precisamos de caneta nem tinta, temos de apresentar as nossas disposições.

Para que as páginas da vida do novo ano fiquem bem escritas, temos, antes de mais, de purificarmos o nosso coração, afastando para bem longe dele o egoísmo, o orgulho, assim como toda a condescendência pecaminosa.

Temos de nos esforçarmos por sermos fiéis e diligentes discípulos de Jesus.

Procuremos o perdão das faltas passadas, com o propósito sincero de fazermos a vontade de Deus.

Quem nos garante que poderemos chegar a voltar a última folha do nosso diário deste novo ano?

Se tivéssemos sempre presente que as testemunhas invisíveis, angélicas estão continuamente junto de nós, observando-nos e registando a nossa vida, é possível que tivéssemos conduta bastante diferente.

«Procurai começar este ano com justos desígnios e motivos puros, como seres responsáveis perante Deus.

Se nos ligarmos a Deus, a fonte da paz, da luz e da verdade, o seu Espírito fluirá por nosso intermédio como por um conduto, de modo a refrigerar e beneficiar a todos que nos rodeiam. Pode ser este o último ano da nossa vida. Não o iniciaremos com reflectida consideração? Não hão-de a sinceridade, o respeito, a benevolência assinalar a nossa conduta para com todos? Não retenhamos coisa alguma d'Aquele que deu a sua preciosa vida por nós...

Consagremos todos a Deus a propriedade que Ele nos confiou. Acima de tudo, demo-nos nós mesmos a Ele como oferta voluntária». — (Signs of the Times, de 7 de Janeiro de 1889).

Façamos, desde já, no início do Ano Novo o bom propósito de permanecermos fiéis a Deus, com a sua divina graça.

«Vivemos por actos, não por anos; por pensamentos não por respiração.

Vivemos pelos nossos sentimentos e não pelo minutos do relógio.

Devemos contar o tempo pelo pulsar do coração que bate pelo homem, pelo dever.

Vive mais aquele que pensa, assim como aquele que sente mais nobremente e que procede melhor». (Review and Herald de 3 de Janeiro de 1882).

Que o Novo Ano nos conceda a graça de vivermos cada vez mais unidos ao Senhor, tornando-nos mais firmes na profissão daquela fé que uma vez foi dada aos santos e mais confiantes na bem-aventurada esperança.

Reunião de Obreiros

Por absoluta falta de espaço não nos foi possível publicar o noticiário relativo à última Reunião de Obreiros.

Por isso, só neste número aparece a notícia que de modo algum podia ser omitida, muito embora mais resumida, dada a extra-temperaneidade.

Limitamo-nos, portanto, a assinalar o acontecimento.

Os obreiros tiveram o singular privilégio de haverem sido dirigidos pelos Irmãos da Divisão, Fridlin, Cupertino e Kohler.

Além das comunicações que estes Irmãos fizeram, todas elas, vincadamente de notável elevação espiritual, registaram-se também, nas reuniões destinadas a Temas Livres, boas e oportunas discussões, que serviram de ensejo a animadas trocas de impressões, que muito valorizaram os estudos e comentários.

A Reunião de Obreiros que durou dois dias deixou em todos os assistentes a impressão de que fora ricamente abençoada.

Que o Senhor confirme as boas resoluções que então se fizeram para que todos, Obreiros e Leigos possamos trabalhar arduosamente para abreviar a Vinda do Salvador.

O TESTEMUNHO DA PALESTINA

Série: «**PODEMOS CRER**» II

As cavaliças reais

O rei Salomão, filho de David, foi ilustre erudito e construtor. Em virtude das momentâneas restrições, os arqueólogos não puderam fazer muitas escavações em Jerusalém, mas, através do país, descobriram algumas das «cidades das munições» de Salomão, «cidades fortes com muros», e «cidades dos carros», entre as quais a cidade de Megido, que tem fornecido valiosas informações. Ver I Reis 9:15; II Crônicas 8:1-6.

Entre as ruínas daquele lugar encontraram os arqueólogos extensos estábulos que ofereciam lugar para 500 cavalos, com manjedouras talhadas em pedra, postes para coçar-se, espaço para 130 carros, e salas de estar para os moços da estabulação.

Foi também muito interessante encontrar esculpida num dos blocos de pedra dois triângulos entrelaçados, o chamado «escudo de David», o primeiro emprego conhecido deste símbolo.

«Também o rei Salomão fez naus em Ezion-Geber.» (I Reis 9:26. No estabelecimento de uma grande marinha mercante, aliciou ele os serviços de Hierão, rei de Tiro; e «uma vez em três anos, tornavam as naus de Társis e traziam ouro e prata, marfim e bugios e pavões. Assim o rei Salomão excedeu a todos os reis da terra, tanto em riquezas como em sabedoria. (I Reis 10:22 e 23).

Escavadoras verificaram que Ezion-Geber não só foi um porto de mar comercial, mas também uma próspera cidade industrial, construída mediante um plano cuidadosamente elaborado, que revelava raro talento na engenharia. Ao nordeste da cidade, descobriram os arqueólogos ricos depósitos de ferro e de cobre, assim como demonstrações de amplas operações minéreas do tempo de Salomão.

Na própria Ezion-Geber escavaram as ruínas de dez fornos empregados na refinação de cobre. O notável aspecto dos mesmos é o facto de todos estarem virados para o nordeste, de maneira a aproveitar os ventos gerais que, naquele lugar, sopram com grande velocidade. Este florescente centro industrial, bem como porto marítimo, era sem dúvida importante fonte das riquezas e esplendor de Salomão; e, qual ilimitada corrente, o ouro fluía para Jerusalém em proporções fabulosas. (Ver I Reis 10:14). Com extraordinário interesse observam os estudiosos da Bíblia a divina predição feita vários séculos antes desse desenvolvimento. Quando Israel estava a caminho do Egipto para Canaã, o Senhor falou da Palestina como de uma «terra em que comerás o pão sem escassez, e nada te faltará nela; terra, cujas pedras são ferro, e de cujos montes tu cavarás o cobre». (Deut. 8:9).

Salomão cavou intensivamente e construiu extensamente, e ninguém jamais poderá negar a glória e magnificência do seu reino.

Verificada a Cronologia

Antigamente havia muita desconfiança e cepticismo entre os eruditos liberais quanto à cronologia dos reis de Israel e de Judá. Mas, coisa notável, a muitas centenas de quilómetros de Nínive, foram encontrados tijolos que registavam listas específicas de reis assírios, de 893 a 648 A.C., e alguns desses reis falavam de contactos com reis de Israel e de Judá. Uma dessas listas indica um notável eclipse solar ocorrido a 15 de Junho de 763 A.C. Os astrónomos verificaram essa data; consequentemente, essa cronologia que está em positiva concordância com os registos bíblicos, é agora aceite como autêntica.

Outro assinalado triunfo para a Palavra inspirada!

O primeiro rei de Israel, cujo nome aparece em antigas inscrições é Omri, chefe militar com bastante êxito, e vencedor de Moab. A famosa pedra moabita, descoberta a leste do Mar Morto por um missionário alemão, em 1868, conta a história das lutas entre Israel e Moab, dos quarenta anos de servidão, e do livramento da mesma no reinado de Mesa, o rei-pastor de Moab. A pedra foi erguida como monumento da sua vitória. A inscrição menciona também numerosas pessoas e lugares mencionados nas Escrituras (Ver II Reis 3:4-27). Quanto a Omri, talhou para si tal nicho na História, que por mais de cento e cinquenta anos depois da sua morte ainda o reino de Israel era mencionado nos registos assírios como «Omrilândia».

A «Casa de Marfim» de Acab

Durante séculos, os críticos ridicularizaram a menção da «casa de marfim» de Acab, como demasiado fantástico para se acreditar. (Ver I Reis 22:39). Onde se podia encontrar tanto marfim? Afinal os exploradores começaram a escavar as ruínas da sua velha capital, Samaria. Aí encontraram a plataforma de um palácio de 10,5 m de extensão. As suas paredes haviam sido cobertas de mármore branco. Descobriram também nos entulhos placas e painéis de marfim; havia assim dois motivos para chamar o palácio de Acab uma «casa de marfim» — as paredes brancas, brilhantes, e as elaboradas decorações de marfim.

Quando o rei da Assíria destruiu a cidade de Samaria, em 722 A.C. despojou, evidentemente, o palácio do seu marfim, queimando-o, depois, para o derribar. Parece que o monarca vencedor levou depois esses troféus para ornamentar uma das suas residências em Nimrode

(Continua na pág. 10)

ouvida



Como complemento da notícia publicada no nosso último número relativa ao jubiloso acontecimento que alegrou o lar do nosso Director, Pastor Casaca, publicamos, neste número, a gravura que reproduz o momento em que o Pastor Casaca, acompanhado da Esposa, nossa prezada Irmã, D. Fernanda Casaca, apresentava ao Senhor a gentil filhinha, Teresa Emília.

Renovando as nossas felicitações, mais uma vez acompanhamos as orações dos pais da gentil Teresinha, com os votos de que Deus abençoe, preciosamente, o lar do nosso Director.

Fala o Presidente da Divisão

(Continuação da pág. 3)

voltará para estabelecer, para sempre, um reino de paz; então «os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e Ele reinará para todo o sempre» (Apoc. 11:15).

O segredo da nossa alegria interior, da nossa confiança e do nosso espírito de renúncia reside, precisamente, nesta expectativa «d'Aquele que deve voltar».

A Igreja não seria nada sem o seu Senhor e Salvador. Mas Jesus também não quer estar privado da sua Igreja. Ambos não fazem senão um: são inseparáveis.

Fortes com esta garantia, podemos, portanto entrar no Novo Ano com toda a coragem. Sabemos qu o Senhor nos protege «de todos os lados»: nada nos pode suceder sem que Ele o saiba e o permita e, neste caso, sem que nós tenhamos a possibilidade de colher algum benefício, por bem pequeno que seja!

Prezados membros de igreja, prezados Obreiros, durante este Novo Ano fixemos os olhos no Rei que volta em glória buscar os seus; e possa o ano de 1964 ser para cada um de nós um ano bendito entre todos!

M. FRIDLIN

Presidente da Divisão Sul-Europeia

A senhora Lola Edwards, de Bath, no Estado de Nova Iorque, sentia um certo mal-estar espiritual. Orava ela a Deus continuamente, de joelhos e, às vezes, com lágrimas pedindo ao Senhor que a ajudasse a encontrar a verdade, ao mesmo tempo que Lhe prometia que, se ela a descobrisse, poria a sua vida de acordo com a verdade. Num Sábado à tarde, depois de ter assim orado, teve um sonho no qual assistia a uma emissão de televisão, no decorrer da qual, viu aparecer uma personagem que nunca antes vira. Com este sonho ficou com a certeza de que aquele programa da televisão lhe havia de trazer a luz, pela qual tanto orava.

No dia seguinte, quis captar na televisão uma emissão para crianças, mas em vez disso, viu aparecer o rosto do Pastor Fagal. Fazia este um anúncio referente ao Curso de Bíblia por correspondência da emissão «Faith for Today» (Uma fé para o nosso tempo). A senhora Edwards reconheceu imediatamente nele a personagem que tinha visto no sonho.

Muito impressionada, aquela senhora inscreveu-se no Curso que estudou atentamente. Passado algum tempo, um dos nossos pastores foi visitá-la e, bem depressa a senhora Edwards, o marido, a irmã, a mãe e o pai foram baptizados. Pouco depois, a sua cunhada, o marido desta e outros parentes também se inscreveram no Curso Bíblico.

Também se destina aos nossos irmãos. Destina-se a quem ainda não conhece nada, ou pelo menos, pouquíssimo da nossa Mensagem.

É absolutamente gratuito. A única despesa que os Alunos têm é a de estampilhar os envelopes nos quais enviam para a Escola Rádio-Postal as suas Provas Escritas.

Se nem todos podemos ser pregadores ou missionários, todos podemos contribuir para obter alunos para a nossa Escola Rádio-Postal.

O 1.º Acampamento dos M. V. de Lourenço Marques

RECORDAR é viver, e é bem verdade e é por isso que neste momento sinto em mim o desejo de recordar os maravilhosos dias que com a ajuda de Deus e a colaboração do Pastor Morgado, os jovens de L. Marques tiveram a oportunidade de viver no passado mês de Agosto, de 6 a 13, na maravilhosa vila da Namacha, na propriedade da simpática família Nunes.

Eramos 24 jovens, rapazes e meninas.

Ao tempo de alvorada tudo se

movia ao Senhor. Íamos depois para o refeitório, que estava protegido por um belo camarachão. Era feita bicha para recebermos o alimento e depois sentávamo-nos à mesa com um certo apetite.

Seguidamente os jovens, depois de lavarem a louça e de alguns irem ajudar as duas cozinheiras Irmãs Milca e Luz Baguinho, dirigiam-se para um recinto onde tinham lugar os trabalhos manuais. Sentados no extenso relvado, rodeados de flores uns dedicavam-se a trabalhos de

etc. Também o programa das classes progressivas mereceu atenção de todos nós. Antes do jantar dávamos um novo passeio, e quando voltávamos líamos as últimas notícias do acampamento.

No fim do dia, depois do jantar todos esperavam também com ansiedade o momento em que podíamos confraternizar em volta da fogueira. Nuns dias cantávamos, contávamos histórias, diziam-se poesias etc. noutros fazíamos jogos, noutros ainda víamos alguns filmes.

Não devemos esquecer nunca aquele maravilhoso dia de Sábado. Desde o momento em que cantando vimos o Sol descer atrás do horizonte, até aos momentos que depois do jantar estivemos cantando hinos, até à escola sabatina; em tudo sentimos a presença dum Deus de amor que fez tantas belezas que estávamos observando, para nosso proveito. Todos queríamos também agradecer ao Senhor a oportunidade de termos um acampamento dos jovens da igreja de L. Marques. Foi para todos nós uma grande bênção e um sucesso o nosso acampamento e quando dali saímos, estávamos já a pensar quando seria o próximo.

Quão felizes nos sentimos naquele último domingo em que realizámos uma reunião em que estavam presentes os nossos pais e amigos. Todos apreciaram os belos números de jogos, poesias, hinos, e calorosas palmas premiarão uma semana de actividade e esforço.

No dia seguinte demos um passeio às quedas de água da Namacha, onde passámos um dia maravilhoso. Fomos a pé, durante alguns quilómetros, para poder apreciar aquele maravilhoso pedaço da natureza. Chegava o momento da partida e também da tristeza. Despedimo-nos uns dos outros com saudade, mas na esperança de que o Senhor nos dê em breve... outro acampamento.

A Secretária dos Jovens de L. Marques
Maria Emilia Sousa Baguinho



Os jovens do 1.º Acampamento dos M.V. de Lourenço Marques

levantava embora às vezes com pouca vontade, pois era tempo de férias, e nesses dias bastante fresco fazia cá fora. Escusado será dizer que a azáfama era grande pois cada um tinha que se preparar, e não tardava a fazer-se um apito chamando todos para a ginástica e jogos que nós fazíamos criar energias e apetite para um novo dia.

Cerca das oito horas íamos todos para um lindo recanto, e ali dedicávamos alguns momentos em comunhão com Deus. Dávamos atenção à leitura da devoção matinal, cantávamos alguns hinos e oráva-

recorte e colagem, fazendo lindas casinhas, outros ao trabalho em rafia, fio eléctrico, desenho, pintura etc. Antes do almoço tínhamos um pequeno passeio.

Ao almoço de prato na mão esperávamos impacientes a hora de começar a refeição. Depois, éramos obrigados a um descanso até às 14.30. Às vezes era só o apito que nos acordava para novo período de actividades.

Os responsáveis pelo jornal do acampamento iam para a «redacção» e os outros dedicavam-se uns a trabalhos manuais, outros a jogos



Pastor E. Ferreira

Como já foi noticiado no último número da REVISTA ADVENTISTA, a igreja de Lisboa teve o prazer de ouvir o Pastor Ferreira, Director da União Angolana, aquando da sua passagem para Berne, por ocasião do Conselho de Inverno da Divisão.

Que Deus continui a abençoar grandemente o trabalho do nosso prezado Irmão Pastor Ferreira, que já regressou ao seu campo de actividade.

O Testemunho da Palestina

(Continuação da pág. 7)

(a antiga Calah). Ali, nas imediações do Eufrates, foram encontradas muitas dessas excelentes placas e painéis. São tão semelhantes em desenho e mão-de-obra às que foram descobertas em Samaria, que se acredita que foram originalmente do mesmo palácio.

Embora isto seja apenas uma hipótese, oferece, contudo, o seu mudo e eloquente testemunho à verdade da Sagrada Escritura, quanto à casa de marfim de Acab.

O nome de Sargão, rei da Assíria, ocorre apenas uma vez na Bíblia (Isaías 20:1); ao passo que em todos os registos disponíveis na História Universal não se encontrou o seu nome. Certos críticos da Palavra de Deus duvidaram até da sua existência. Mas, quando o palácio de Sargão em Khorsabad (dezasseis quilómetros ao norte de Nínive) foi escavado, o mundo sur-

preendido descobriu que Sargão I fora um poderoso monarca que usurpara o trono da Assíria. Foi também o vencedor de Samaria. O seu magnífico palácio abrangia muitos acres, e os tesouros de arte e de literatura que ali se descobriram, aumentaram grandemente o nosso conhecimento daquela época.

Mais uma vez, o registo da Palavra de Deus permanece inquestionável.

Outro nome brilhantemente iluminado pelo holofote da arqueologia é o de Ezequias, rei de Judá. Os leitores da Bíblia estão bem relacionados com o relato da sua luta com o guerreiro Senaqueribe, da Assíria. Segundo uma inscrição real encontrada no Egipto, este rei dirigiu duas expedições militares à Palestina. Quanto à primeira deixou uma versão da campanha inscrita em grandes cilindros de barro,

em Nínive. Parte do relato declara:

«Quanto a Ezequias, o judeu, que não se submetera ao meu jugo, sitiiei e tomei 46 das suas fortalezas, cidades fortificadas, e cidades menores das suas vizinhanças, sem número, com a arremetida de aríetes e máquinas de ataque, minas, brechas e machados. 200 150 pessoas, pequenos e grandes, homens e mulheres, cavalos, mulas, asnos, camelos, bois e ovelhas sem número eu trouxe do seu meio e contei no meu despojo. A ele próprio fechei como a um pássaro engaiolado em Jerusalém, sua capital.» —George A. Barton em *Archaeology and the Bible*, ed. de 1917, pág. 373.

A segunda campanha de Senaqueribe, como nos devemos lembrar, findou muito desastrosamente. Ao que parece, segundo o costume antigo, o rei não faz nenhum registo do seu fracasso.

Um dos maiores feitos do reinado de Ezequias foi a construção do aqueduto de 532,50 m de extensão, ligando a fonte de Gion com o poço de Siloé, assegurando assim a Jerusalém provisão de água, mesmo em tempo de guerra ou de cerco. (II Crónicas 32:30).

Esse túnel, escavado na rocha, de cerca de 60 centímetros de largura e em alguns lugares de um metro e oitenta de altura, foi construído por grupos de trabalhadores prestes a encontrar-se, pois cada um podia ouvir o som dos martelos e das picaretas dos outros. Este túnel é considerado como um notável feito de engenharia; depois de um lapso de mais de 2600 anos, ainda conduz a sua corrente de águas mansas.

As descobertas acima mencionadas são apenas algumas das revelações da era moderna.

«A pesquisa arqueológica na Palestina e em terras adjacentes durante o século passado transformou completamente o nosso conhecimento acerca do fundo histórico e literário da Bíblia... Descoberta após descoberta tem estabelecido a exactidão de inúmeros pormenores e trazido um crescente reconhecimento do valor das Escrituras como fonte de História.» —William E. Albright, citado em *The Spade and the Bible*, p. 120.

Os nomes dados a Jesus Cristo na Sagrada Escritura

(Continuação da pág. 4)

A Palavra feita carne

«No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez. Nele estava a vida... E o Verbo fez-se carne e habitou entre nós e vimos a sua glória, como a glória do Unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade». (*)

Nos livros poéticos da Bíblia, a Palavra criadora é chamada a Palavra do Eterno. «A palavra do Senhor é recta e todas as suas obras são fiéis... Pela palavra do Senhor foram feitos os céus» (Salmo 33:4-6). «Então clamaram ao Senhor na sua angústia... Enviou a sua palavra e os sarou.» (Salmo 107:19). O Salmo 119 menciona dezanove vezes a palavra. Ela dá a vida (v. 17, 25, 107). É uma lâmpada para os nossos pés (v. 105). Dá vigor aos nossos passos (v. 133). É eterna (v. 89).

Os Judeus consideravam a Palavra e a Sabedoria como sendo o Messias. No capítulo oito dos Provérbios a sabedoria é personificada: «O Senhor me possuiu no princípio dos seus caminhos, e antes das suas obras mais antigas. Dede a eternidade fui unigida, desde o princípio, antes do começo da terra... Então eu estava com ele». (Prov. 8:22, 23, 20). O que me achar, achará a vida e alcançará favor do Senhor; mas o que pecar contra mim violentará a sua própria alma». (Prov. 8:35, 36). Como afirma o apóstolo Paulo, Jesus «foi feito por nós sabedoria, justiça, santificação e redenção». (**)

Os autores dos livros apócrifos do Antigo Testamento apresentam também a sabedoria como uma pessoa. O livro do filho de Sirach, o livro do Eclesiástico, fala da origem divina e da eternidade da sa-

bedoria. «A sabedoria abre a boca na assembleia do Altíssimo... Antes de todos os séculos, no começo Ele me criou... Eu habitava nas alturas e o meu trono era uma coluna de nuvens». (24:2, 9, 4). A sabedoria «é o livro dos mandamentos de Deus» diz Baruch (4:1). Para o livro «da sabedoria de Salomão» «ela é um resplendor da luz eterna, o espelho sem mancha da actividade de Deus e a imagem da sua bondade», ela está sentada com Deus no seu trono (7:29; 9:4). «Ela foi para eles (os Israelitas) uma sombra durante o dia e como a luz das estrelas durante a noite. Ela fez-lhes atravessar o Mar Vermelho e conduziu-os através das grandes águas». (10:17, 18).

Na sua sublime descrição da Vinda de Jesus como Rei dos reis e Senhor dos Senhores, o apóstolo João diz: «O seu nome é a Palavra de Deus». (Apoc. 19:14).

Portanto, os Judeus podiam muito bem compreender o que João diz no prólogo do seu evangelho: «No princípio era a Palavra e a Palavra era Deus.»

As suas antigas tradições falam do Messias como sendo a Palavra (Memra). Fundando-se nos comentários de Onkelos e de Jonathan, escritos antes da destruição de Jerusalém, e noutras tradições, chega-se à ideia geral, sob as três formas da Palavra, do Anjo do Eterno e da Sabedoria, de um Ser Superior entre Deus supremo e o universo. Na Enciclopédia Judaica, no artigo Memra — a Palavra, lê-se que os Targums ou tradições, dizem que a Palavra é uma manifestação do poder divino ou o mensageiro do próprio Deus. «Memra leva Israel até junto de Deus e senta-se no seu trono, recebendo as orações de Israel» (Targum de Jerusalém sobre Deut. 4:7).» Mas Memra será para vós uma divindade que resgata, vós sereis para o

meu nome um povo santo» (Targum de Jerusalém no Lev. 22:12).

«Na Memra se encontrará a redenção» (Targum sobre Zacarias 12:5). «Por Memra fundei a terra» (Targum sobre Is. 48:13) «O Santo, bendito seja ele criou o mundo pela minha Memra (Targum sobre o Salmo 33:6). «Quando a Palavra do Senhor o levantar para resgatar o seu povo, dirá a todas as nações: O Eterno julgará o seu povo!» (Targum sobre Deut. 32:26). «A Palavra do Senhor senta-se no seu alto trono e eleva e ouve as nossas orações, quando oramos diante dele (Memra) e lhe dirigimos os nossos pedidos.» (Targum sobre o Salmo Deut. 4:7).

Estes comentários eram lidos nas sinagogas, no tempo de Jesus, o que devia facilitar a crença n'Aquele que habitou entre nós cheio de graça e de verdade⁽¹⁰⁾.

«Pretendeu-se que a noção da Palavra, o Logos, em grego tinha sido tirado por S. João da filosofia grega, particularmente dos escritos de Filo. Nascido 20 anos antes de Jesus, Filo sabia certamente o que se ensinava nas sinagogas. Parece que admite a personalidade, mas também a impersonalidade do Logos, mas finalmente, não seria para ele senão a soma das diferentes forças postas em acção. Esta teologia perdeu-se no materialismo e no panteísmo, ao passo que o ensino de João fala de um dualismo histórico e moral, que permanece, embora pese à crítica». (**)

(1) Génesis 1:1; 3:22; 11:7.

(2) 1 Tim. 6:15; João 1:18; Is. 9:5.

(3) Filip. 2:6; João 14:9, 10.

(4) Salmo 45:7,8; 102:26; Heb. 1:2.

(5) Juizes 6:11-24; 13:13-21.

(6) Êxodo 3:2-6.

(7) Êxodo 23:20-22; Is. 63:9, 10; 47:4; I Cor. 10:3,4.

(8) João 1:1-3, 14.

(9) I Cor. 1:30.

(10) *The Ministry*, Março de 1963, p. 16, 17.

(11) *Evangile de Jean, par un chrétien*, 1863, Apoc. 1:18.

COMPLETAM-SE este ano trinta sobre a data da organização deste campo, com a chegada do Pastor Max Webster a Moçambique. No entanto, a mensagem Adventista havia já chegado há alguns anos a terras de Moçambique através de crentes que se estabeleceram em Corinto (Alto Chindio).

À chegada a Moçambique o Pastor Webster instalou-se provisoriamente na Zambézia, no Ile, em uma casa que alugaram e começaram tratando de escolher o lugar para o estabelecimento de uma Missão.

Na Revista das Missões de 1934, o dr. E. G. Marcos, relata como a 20 de Junho de 1933, três missionários partiram da Missão de Malamulo para observar os locais escolhidos por Max Webster. Estu-

Trinta anos ao serviço de

para desbravar o terreno, juntar materiais, preparar artífices, contratar trabalhadores, e a pouco e pouco ir fazendo subir as paredes da casa de habitação, escola, capela, dispensário, oficinas, etc..

A pouco e pouco a desconfiança do povo foi sendo ultrapassada e a pouco e pouco muitos se foram aproximando. Mas, mesmo em 1937, data da primeira reunião campal, ainda fugiam do contacto com os brancos. Os primeiros baptizados foram realizados em 1939 e alguns destes crentes ainda se encontram firmes e ao trabalho.

os anos novos conversos vão sendo baptizados.

Passados alguns anos o Pastor Mansell que já havia sido convidado em 1933 para este campo aceita o chamado e dirige-se da América, passando por Lisboa donde sai em 1947.

Numa sua carta o Pastor Mansell conta que: «Em Mocuba encontramos pela primeira vez o Pastor Webster que dirigia a Missão naquele tempo, e que tinha feito o chamado tantos anos antes. Na primeira tentativa para chegar àquele lugar ficamos prisioneiros dos japoneses nas Filipinas. Bem podem imaginar a alegria com que ele nos conduziu para a Missão, e apontava coisas de interesse, incluindo a capela nova que podíamos avistar ao longe. Lá longe, em cima de uma elevação, com as montanhas atrás, e emoldurada com verdadeira tropical, ficava finalmente o espectáculo que há tantos anos desejávamos ver».

Em 1959 era feito um chamado a um professor a que respondeu Samuel Graça que chegou a 10 de Fevereiro e que se manteve como professor e Director da escola até Fevereiro de 1954. P. Mansell sai em 1953, e enquanto não chegava A. Lopes de Angola, ficou S. Graça responsável pelo trabalho.

Nessa altura o campo é organizado com sede em Lourenço Marques sendo seu Director J. Esteves e Secretária Tesoureira Amélia Sommer. Mais tarde S. Graça viria juntar-se àqueles, em L. Marques, onde as actividades de Igreja tomaram novo alento.

A Igreja de Lourenço Marques havia começado com uma família vinda das Ilhas Maurícias e que trouxe consigo a semente do Evangelho. Certa vez, quando E. P. Mansell se encontrava na África do Sul, encontrou uma lista de publicações o nome de Manuel Lemarque e o endereço de Lourenço Marques. Mesmo dali combinou um encontro quando do seu regresso a Moçambique e com aquela ligação



A nova igreja de Lourenço Marques

daram o terreno, a água, a altitude, a população indígena e parece que se resolveram pelo actual lugar de Munguluni, no Lugela. Feito o pedido para a instalação da Missão naquele lugar somente em 1935 foi deferido, e nessa data Max Webster foi viver para ali numa casa de pau-a-pique e capim, até que construiu uma casa definitiva. Em Munguluni há ainda uma bela plantação de eucaliptos que foi feita nessa altura.

Podem imaginar, aqueles que têm vivido no mato, o que foi a luta

Neses mesmo ano chega o Prof. Gouveia para iniciar o trabalho escolar que foi confirmado pelo Alvará dos serviços de Instrução em Novembro de 1940. Foi notável a acção desenvolvida não só com os alunos-crianças mas mesmo com os adultos, que à noite, aprendiam a ler e escrever. Por motivos de saúde este professor regressa a Portugal pouco depois.

Entretanto, as catequeses vão surgindo, vão-se preparando homens para que as dirijam, e todos

Deus em Moçambique

se fortaleceu um pequeno grupo que começou a frutificar. Em casa do Ir. Lamarque, a sua família e alguns conhecidos se reuniam e, aqueles irmãos podem ver com alegria hoje, uma igreja, que como todas começou tão débilmente. Este ano em Março, procedeu-se à inauguração da Sala que foi adquirida e transformada graças à oferta do 13.º Sábado do 2.º trimestre de 1961. O edifício havia sido comprado pelo Pastor Lourinho no ano anterior e depois foram feitas várias obras de remodelação.

Na Beira o nosso trabalho começou com um jovem Daniel Harawa que se preparou para o baptismo através do curso bíblico por correspondência. Quando aprendeu que o Sábado era o dia de descanso obtém do seu patrão liberdade nesse dia. Em 1951 E. P. Mansell passa na Beira e baptiza Harawa. Em seguida uma boa igreja foi organizada e apesar de todas as dificuldades um pequeno grupo se tem mantido ali desde então. Por ali passaram S. Graça e J. Morgado e um grupo de interessados foi levantado à espera que seja possível organizar ali uma igreja. Dali irradiou luz para o grupo que nasceu em Mabote, organizado por um dos que Harawa conquistou para Cristo. Chegando à sua terra começou a ensinar e vários grupos surgiram naquela área. Quando tinha alguns interessados andou cerca de 700 quilómetros até Lourenço Marques para pedir uma visita, que foi efectuada há pouco tempo.

Outro grupo nasce na Chemba, também trabalho iniciado por um homem que conhecera Harawa na Beira e que se convertera ali.

Munguluni continua a crescer. Entretanto o campo vai passando por várias transformações. Com a saída de J. Esteves o campo passa a ser dirigido por Angola, situação essa que se manteve até à vinda de M. Lourinho para Lourenço Marques e J. Morgado para Munguluni, em 1957.

Um novo impulso foi dado com a reorganização do campo e assim foi possível construir uma nova escola para substituir aquela que uma fásca tinha destruído dois anos antes. Um dispensário, dormitórios e restauração das casas existentes foi empreendido.

O trabalho escolar fica estabelecido de novo com a vinda de A. Nunes e A. Maurício, e J. Carrilho em 1959. Além do ensino primário o Curso de preparação de Catequistas foi organizado, a escola de artes e ofícios posta a funcionar com novas secções.

O Dispensário inaugurado é posto a funcionar com Milca Morgado como enfermeira e mantém um interesse extraordinário através de todos estes anos. Ansiamos o dia em que um médico possa vir para Munguluni. Já em 1936, na Revista da Campanha se dizia que estava um médico pronto para vir para Munguluni. Esperamos que seja agora, e que o chamado dirigido ao dr. Samuel Ribeiro se possa concretizar em breve. Ao mesmo tempo, os jovens adventistas do sul da Europa reúnem este ano as suas ofertas para compra dum dispen-

sário móvel que prestará assistência na vasta área da Zambézia.

Graças ao auxílio do excesso do 13.º Sábado de 1961, foi possível resolver o grave problema da água na Missão de Munguluni. Houve momentos em que pensamos o que seria o futuro daquele lugar em face da falta de água. Ao mesmo tempo a luz eléctrica foi instalada, e também duas novas casas para professores construídas.

Em 1963, com a saída de M. Lourinho veio dirigir o campo P. Ribeiro e novas perspectivas estão diante de nós nestes tempos difíceis, mas em que esta maravilhosa semente do Evangelho faz germinar grupos em muitos pontos desta terra.

Todos os anos novos lugares são abertos, surgem grupos no Niassa, pregadores leigos organizam igrejas de várias centenas de membros, jovens colaboram em levar esta mensagem a todo o mundo nesta geração.

A todos os que têm com as suas ofertas e orações ajudado o trabalho neste campo um muito obrigado e que o Senhor vos recompense abundantemente, e não nos esqueçais nestes momentos difíceis que a África atravessa.

Desejaríamos apresentar alguns números que falam do progresso desta obra nos últimos 6 anos.

J. A. Morgado

<i>Estatística</i>	1957	1962
Membros da Igreja	998	3 362
Membros da Escola Sabatina	1 860	9 066
Baptismos	121	727
<i>Tratamentos no Dispensário:</i>		
Pessoas tratadas	1 067	4 843
Tratamentos	3 215	36 631
Escolagem	3 986\$00	25 129\$50
Ofertas e dízimos	70 295\$20	309.382\$10
Escolas Sabatinas	22	80

Está, precisamente, neste caso a nossa REVISTA ADVENTISTA. É ela o órgão oficial da União Portuguesa. De ano para ano tem melhorado continuamente, sob todos os aspectos: gráfico, doutrinário, informativo, sempre à custa de sacrifícios onerosos para a União, pois não são os assinantes quem cobre as despesas da sua publicação.

Geralmente, uma das preocupações de qualquer organização é a de publicar um boletim, uma revista, qualquer opúsculo com o qual procura divulgar os seus princípios, justificando-os, animando os leitores, amigos e simpatizantes a interessarem-se sempre mais pelo desenvolvimento e progresso da obra.

E todos os sócios da agremiação, do grupo, da associação procuram assinar o seu jornal, o seu boletim, a sua revista, precisamente para estarem devidamente informados do que se vai passando, ao mesmo tempo que vão firmando os seus princípios doutrinários, e reforçando o seu companheirismo o seu espírito de equipa, de associação.

Tal é o caso, prezados Irmãos e Irmãs, da nossa REVISTA ADVENTISTA. Como órgão oficial da nossa União é ela o órgão transmissor de todo o noticiário que diz respeito a todas as actividades da Igreja Adventista.

Publica, também, artigos doutrinários, procurando precisamente os melhores entre as outras Revistas congêneres para transmitir aos nossos irmãos.

Na secção Notícias do Campo publica o noticiário relativo às várias igrejas dando assim conhecimento a todos os Irmãos do que se vai realizando no nosso território.

a quem temerei? O Senhor é a força da minha vida; de quem me recearei?" (Sal. 27:1).

Há força nestas palavras de que as coisas que nos parecem contrárias actuarão para o nosso bem. Deverá este ser o nosso cântico em todo o dia.

"Pelo cântico, David, entre as vicissitudes de sua vida tão cheia de mudanças, entretinha comunhão com o Céu. Quão suaves são suas experiências como pastorzinho, conforme se reflectem nestas palavras:...

Compreende-se, pois, que é indispensável que a REVISTA ADVENTISTA se encontre em cada Lar Adventista. E deixámos, propositadamente, para o fim um outro valor que a REVISTA nos oferece: o Comentário da Escola Sabatina.

Bem sabemos que nos é absolutamente necessário estudar, diligente e pontualmente as Lições da Escola Sabatina. Seja-me permitido recordar aqui o conselho de Billy Graham não só aos novos convertidos, mas a todos os cristãos, neste começo do Novo Ano: «Não podeis esperar ter vida física sadia, se não tomardes regularmente as vossas refeições. Demonstrai a mesma quantidade de senso comum quando se trata de conservar a saúde espiritual num estado vigoroso e robusto. A leitura diária da Bíblia é parte essencial do nosso regime espiritual.

Prezados Irmãos e Irmãs:

O fim aproxima-se rapidamente, como o sabemos pelo cumprimento das Profecias que se estão desenvolvendo e cumprindo aos nossos olhos.

Será mau negócio colocar capitais num banco que vai falir. Ora este mundo vai falir. Depositemos, sim, toda a nossa esperança, os nossos parcos haveres no Banco da Providência, onde ficarão seguros e renderão mil por um, por toda a eternidade.

Cada Irmão, cada crente, cada simpatizante, cada visita: um leitor da REVISTA ADVENTISTA, pois cada Lar deve ser assinante da REVISTA da sua Igreja.

Que Deus abençoe os vossos bons propósitos neste sentido e lhes dê realização, prezados Irmãos e Irmãs.

A. Casaca

‘O Senhor é a minha luz, e a minha salvação; a quem temerei?’ ...

“Respiram a mesma confiança as palavras escritas por David quando, como rei destronado e despojado da coroa, fugia de Jerusalém pela rebelião de Absalão. Exausto com a dor e cansaço de sua fuga, ele e seus companheiros demoraram-se ao lado do Jordão algumas horas para descansar.” — Educação, págs. 163 e 164.